

EDIÇÃO DE COLECIONADOR

VERMELHO,
BRANCO e
SANGUE
AZUL

**CASEY
McQUISTON**

EMANCIPAÇÃO

Henry

—Não estou pedindo para você acreditar, nem mesmo para gostar— diz Henry com firmeza.

A manhã já estava sendo longa. Ele está começando a transpirar.

— Estou pedindo apenas para demonstrar um mínimo de respeito — continua.

— Pela sua... quiche?

— Sim. Pela minha quiche.

Bea baixa o aplicador de fita adesiva e seca os olhos.

— Pez!

— Oi?

— Henry disse que vai fazer uma quiche pra gente!

A gargalhada grasnada de Pez ecoa do alto da escada.

— Conta outra!

— Eu faço quiches o tempo todo para o Alex — insiste Henry. Elas são perfeitamente comestíveis.

— Então, quando você nos prometeu café da manhã se acordássemos cedo para ajudar diz Bea, quis dizer que você faria o café da manhã?

— Isso! — insiste Henry, irritado. — Parem de rir!

—Desculpa! — diz Bea. — É só que... bom, Henry, a última vez que você fez café da manhã para mim foi aos doze anos, e você exploxiu uma linguixa no micro-ondas

— A ideia foi *sua*! E foi séculos atrás! Eu estudei, tá? Agora sou muito bom.

Aquelas fotos que mandei para o grupo não são meramente ilustrativas.

— Ah, não? — diz Bea, em tom de afronta, como se a oferta incrivelmente generosa dele de fazer uma quiche de cebolinha e tomilho com cogumelos comprados na feira não significasse nada. Como se ele tivesse passado os últimos cinco anos naquela casa sem aprender a usar a cozinha.

Talvez, se a vida deles não fosse tão caótica, se Henry não estivesse fora de Nova York toda vez que Bea arranjava um momento livre para visitá-los, ele poderia ter provado aquilo para ela antes. Mas Pez, que mora na cidade a maior parte do tempo e os visita com tanta frequência que ganhou o próprio codinome do Serviço Secreto (Cardeal, já que Henry é Bispo), deveria saber a verdade.

— Percy Okonjo — diz Henry quando Pez se junta a eles — Você estava aqui no fim de semana passado, quando fiz torta de carne. Você *adorou*

— Adorei? questiona Pez, com uma entonação tão parecida com a de Bea que chega a irritar.

— Olhe esse avental!

Henry aponta para o avental azul-marinho que está usando. Foi o presente de aniversário que ele ganhou de Alex no ano passado.

— Um homem que não sabe fazer uma quiche teria um avental como este? — continua. —

Tem até *monograma*.

— Você é da realeza, meu bem argumenta Pez. Todas as suas coisas têm monograma.

No bolso do avental, o celular de Henry vibra. Reforços. O Face-Time conecta, e Alex diz:

— Bom dia, amor da minha vi...

— Alex — Interrompe Henry — , fale para eles das minhas quiches.

Alex ergue os óculos escuros e franze a testa para a câmera. Ele está lindo, de camiseta desbotada, jaqueta jeans e cabelo bagunçado. Puro gala americano, só

falta um chapéu de caubói. Henry nunca se cansa.

— Como é que é?

— Bea e Pez não acreditam que sei fazer quiche.

— Como assim? Eles viram seu avental?

—Foi o que eu disse!

— As quiches do Henry são ótimas! — diz Alex alto, para a cozinha como um todo.

— Quase nunca encontro casca de ovo nelas!

Isso faz Bea e Pez voltarem a gargalhar. Na tela, Alex franze o rosto de tanto rir.

— Muito obrigado, Alex, você ajudou muito — resmunga Henry. — Como estão as coisas por aí? Teve a reunião com a florista hoje, né?

— Acabei de terminar — diz Alex com um sorriso largo. - Aprovei a versão final. Está tudo ótimo.

Faltando apenas uma semana para o dia da mudança e duas para o casamento, fez sentido dividir as tarefas. Henry concordou em ficar em Nova York e terminar de encaixotar as coisas no sobradinho com a ajuda de Bea e Pez, enquanto Alex. June e Nora estão riscando os últimos itens da lista no Texas.

— De todas as surpresas que o planejamento do casamento nos — diz Henry, — sua capacidade de microgerenciar arranjos trouxe florais foi sem dúvida... uma delas.

— Você sabe que adoro criar um clima — diz Alex.

— Sem dúvida concorda Henry. Cadê as meninas?

—Estão comprando donuts — responde Pez antes de Alex.

Ele ergue o celular, mostrando uma foto de June mandando um beijo enquanto Nora chupa uma bomba de chocolate.

— Donuts! — diz Bea Que boa ideia!

Eles passam o resto do dia mergulhados em caixas de papelão e sacos de lixo, empacotando tudo menos os móveis e a televisão do andar de baixo. Pez comenta de uma em uma hora que eles poderiam pagar alguém para fazer isso, mas Bea é teimosa, e Henry reluta em deixar outra pessoa entrar em todos os íntimos de sua vida com Alex. Já foi ruim o bastante explicar o conteúdo da gaveta secreta para Pez, que dirá para algum profissional de mudança que ele nunca conheceu.

Quando acabam, Bea coloca *Coração de cavaleiro* para passar na sala e pega no sono no colo de Pez no mesmo instante. Pez também apaga, Henry fica acordado, porque Heath Ledger merece uma plateia. E por que ele sabe que, se não acordar Bea e levá-la para o quarto ele vai ser obrigado a ouvir sobre a dor nas costas dela no dia seguinte.

David pula ao lado dele no sofá de dois lugares, e Henry acaricia seu focinho até o corpinho relaxar.

— Velhinho nervoso — murmura Henry. Ainda parece a maior ironia do mundo que o cachorro que ele adotou em busca de apoio emocional tenha ansiedade.

David foi ficando mais e mais aflito ao longo da semana, conforme a casa ia desaparecendo dentro de caixas.

— Não vamos te abandonar, prometo.

O sobradinho foi uma boa casa para eles. Paredes robustas de tijolos, vizinhos que de fato os deixam em paz. Henry o amou mais do que amava Kensington ou, pelo menos, tanto quanto amava Kensington quando seus pais também moravam lá. Certas manhãs, quando desce e encontra Alex com a cafeteira e a chaleira já ligadas, ele se sente igual à época em que toda a sua família dormia sob o mesmo teto. Este teto é bem menor do que aquele, mas a sensação, não.

Então, talvez David não tenha entendido errado. É difícil deixar esse lugar para trás. No último mês, Alex vivia perguntando por que Henry não parava de encará-lo, e a verdade é

que ele estava memorizando exatamente como Alex fica em cada cômodo.

Como o corrimão se encaixa na mão dele, o lugar na parede do hall em que ele sempre se apoia para calçar os sapatos.

Tudo que aconteceu nos últimos cinco anos aconteceu, ao menos em parte, dentro dessa casa.

Sete meses depois da segunda posse da mãe de Alex, Henry deseja nunca ter nem ouvido a palavra "aparador". Assim ele não teria que decidir onde colocar um.

Alex vai chegar em meia hora para ajudá-lo a carregar o móvel, mas Henry ainda não sabe *para onde*. À frente da lareira, talvez? Mas e se ele quer colocar um sofá ali? Ele quer um sofá normal, ou modular? Deveria ficar no terceiro andar, no escritório? Ou ele deveria deixar mais espaço para estantes?

Ele sente saudade de estar na praia, tomando uma bebida em um abacaxi. Foi um longo e glorioso verão desde que Alex encaixotou seu quarto da Casa Branca, ligou para Henry e perguntou: "Quer cair fora desse continente?" Eles foram primeiro para Dubai, depois Lagos. Rio, pelos velhos tempos. Buenos Aires, lanternas de papel sob o luar e Alex flertando com o bartender para conseguir bebida de graça. Junho a agosto se misturaram deliciosamente em sua memória: Alex dormindo encostado no ombro dele no avião, Alex atirando o dicionário de português pela janela de um carro em alta velocidade, areia em lugares inomináveis, Alex, Alex, Alex. Pistas infinitas e disfarces meia-boca, sungas que ficavam cada vez menores até eles não as usarem mais. Apaixonar-se, de novo, com novos bronzeados e todo o tempo do mundo.

E agora aqui estão eles em Park Slope, onde Alex aluga o segundo andar de um predinho a dois quarteirões de Henry.

É prático, eles concordaram, morar no mesmo bairro antes de morarem no mesmo endereço. Eles mal tiveram a chance de namorar do jeito normal até agora se é que dá para chamar de "normal" quando suas equipes de segurança estão localizadas na mesma rua.

Ainda assim, Henry quer que isso dure.

Eles mergulharam de cabeça em tudo até aquele momento, mas agora ele quer ir devagar, em acréscimos deliciosos. Ele quer saborear noites, minutos, primeiras

vezes, cobiçá-los e deixar que derretam em sua língua, como os cubos de açúcar que roubava das bandejas filigranadas de chá da avó quando era pequeno. Ele quer uma *vida*.

Ele *quer* que alguém diga a ele onde enfiar aquele maldito aparador.

É uma antiguidade Broyhil Brasília, de nogueira com puxadores elegantes de bronze. June o ajudou a escolher quando estava na cidade para uma reunião com o editor dela, mas nunca deu nenhum conselho sobre onde deveria ficar. Ele nunca antes teve permissão de decidir a localização dos móveis. Portanto, está...

lá, no meio da sala de estar vazia, o primeiro móvel da casa toda

— Talvez você devesse começar com um tapete ou dois — Diz Alex no hal .

Henry se vira e o encontra com as chaves em uma mão e um saco de papel na outra, sorrindo sob um feixe de luz matinal e... ah. Sim, pronto. Aquele suspiro doce e súbito de nervosismo. O meio segundo em que se esquece de como usar a boca. Mesmo cheio de dúvidas, ao menos uma certeza permanece: ver Alex Claremont-Diaz em carne e osso sempre vai fazer isso com ele.

Alex em foto é bonito, mas Alex na vida é uma sinfonia. Ele é a luz refratada em um copo de coca-cola de cereja. Tem um maxilar de Fibonacci, um sorriso sacana e antebraços grossos feitos para posar em batentes com as mangas arregaçadas e estourar garrafas de

champanhe com o polegar. Na primeira vez em que Henry conversou sobre ele com Pez, disse. "Nossa, mas ele é *letal*". Só piorou depois que se conheceram melhor

— Lugar estranho para um aparador — comenta Alex, dando um beijo na bochecha de Henry, e entrega um pacote quente embrulhado em papel-manteiga.

— Espero que goste de sanduíche de linguiça, ovo e queijo.

— Não sei onde colocar.

— Sanduíches normalmente vão na boca.

— O aparador.

— Ahhh, claro — diz Alex, numa compreensão fingida.

Ele dá uma piscadela. Henry suspira com o ar teatral mas aceita um segundo beijo, dessa vez na boca.

— Por que não coloca aqui? — sugere Alex.

Ele aponta para a esquerda, onde uma parede vazia se estende da porta da casa até o pé da escada. Depois de olhar mais de perto, parece ter o tamanho perfeito.

— Ah — diz Henry.

É aqui que eles se encaixam. Onde ele termina e Alex começa. A grande gelatina de sentimentos encontra uma linha de ação; a energia que queima sem fim encontra um ponto de foco, Agonias encontram suas conclusões mais óbvias, mais naturais e mais inevitáveis.

Para uma pessoa como Henry, que passou a vida toda carregando agonias de um lado para outro em uma cestinha de bicicleta elegante, isso pode ser assustador.

O que ele vai fazer com elas agora?

— É, acho que pode ser — admite Henry, e Alex dá risada.

No verão de 2022, Henry abriu seu terceiro abrigo, e Alex acabou de detonar o primeiro ano na pós-graduação em direito da Universidade de Nova York.

Algumas caixas de livro ainda estão no apartamento de Alex, mas, fora isso, ele agora mora no sobradinho de Henry. No sobradinho *deles*. Uma flâmula da Universidade do Texas ao lado de um cachecol do Chelsea na parede da sala de estar. Uma geladeira cheia de Topo Chico e Bulmers. Dois pares de calçado perto da entrada, sapatos sociais marrons da Barker e tênis da Reebok. Ninguém teria como confundir.

É o primeiro Domingo de Trabalhos Domésticos (ideia de Alex). e Henry terminou de botar a roupa na secadora. Para na porta da cozinha e observa Alex tirar as louças da máquina.

Alex certa vez descreveu para Henry o tipo de homem por quem costuma se sentir atraído: altos, ombros largos, olhos bonitos, um pouco perturbados. Uma

certa insolência e um sorriso que atíça a curiosidade. Para Henry, nunca foi tão simples. Ele gostava de garotos nas aulas porque liam a bibliografia obrigatória, e ficou a fim de um dos amigos horríveis de Philip em Eton porque ele sabia velejar e tinha cheiro de canela. A única coisa que todos os seus garotos de Oxford tinham em comum era que não sabiam como se dirigir a ele. Ele nunca teve um tipo e sempre teve certeza de que Alex era singular, de todo modo. Alex é diferente de qualquer pessoa que ele já conheceu.

Mas aqui, agora, vendo Alex se curvar para tirar uma saladeira da prateleira de baixo, ele se confronta com a dura realidade. Todos aqueles meninos tinham, sim, uma qualidade em comum.

— Você vai me ajudar aqui — diz Alex sem nem lançar um olhar inquisitivo para traz, — ou vai ficar olhando para minha bunda No Natal de 2022, o primeiro desde que Alex veio morar oficialmente com ele.

Henry está decidido a fazer um rocambole de Natal nem que morra no processo.

Talvez seja ambição demais. Ele ainda é um novato, afinal. Na infância, quase nunca tinha permissão de entrar na cozinha, e concentrou de gim tempos a dieta universitária em fast food e delivery. Ele sabe torrar pão e cozinhar ovo, e leva jeito com a cafeteira e um coquetel de em tempos. Henry entende de culinária —

da melhor culinária, diga-se de passagem, tanto que ainda não conheceu um inglês que saiba escolher um Brie melhor—

,mas só aprendeu a cozinhar recentemente

Recentemente, isto é, quando Alex se envolveu de maneira tão fanática nos estudos do segundo ano do curso que parou de se lembrar de comer.

Tudo começou com obrigar Alex a comer um sanduíche de bacon duas vezes por semana.

Os braços de Henry ganharam pequenas constelações de queimadura de gordura, mas o bacon era fácil, e as marcas desbotaram, então não o detiveram por muito tempo. Curioso, ele aprendeu o básico de massa e que se você refogar qualquer coisa com alho, cebola e manteiga vai ficar gostoso com macarrão. Isso aumentou a confiança dele o suficiente para se dedicar de verdade e, agora, entre as horas de trabalho nos abrigos e as chamadas de vídeo com a mãe, ele assiste a

um tutorial após o outro, para aprender a dourar manteiga e assar frango. Só metade do faz sai da cor que era para sair, mas ele adora.

Ele adora caminhar até o mercado na esquina e buscar ingredientes específicos das receitas de família que June manda para ele. Virou um passatempo tão comum que os paparazzi descobriram, o que é o motivo de sua mãe finalmente ter obrigado a equipe de segurança a contratar um dublê de corpo de verdade.

Agora um tal de Angus, que tem a altura, o corpo e praticamente a mesma cara dele, passeia para distrair a mídia enquanto Henry escolhe pimenta em conserva.

De tanto estudar, ele tinha certeza de que daria conta de uma sobremesa. Queria fazer um doce impressionante, já que

convenceram as famílias de que seriam os anfitriões do jantar de Natal daquele ano. Só que o ponto do pão de ló tinha dado totalmente errado, e, se ele aprendeu alguma coisa com *The Great British Bake Off*, é que a massa não deveria ter rachado umas cinco vezes na hora de enrolar o rocambole. Paul Hollywood o teria massacrado.

— Será que deixou no forno por tempo demais? — pergunta Oscar do outro lado da ilha da cozinha.

Ele está usando seu presente de amigo secreto, uma blusa de moletom com o slogan **NÃO**

DA PARA ESCREVER RESPEITO SEM PEITO. Inexplicavelmente, foi a própria mãe de Henry quem comprou.

— Está parecendo meio seco — acrescenta.

— Agradeço sua tentativa de ajuda — declara Henry, — mas, se você disser mais uma palavra, posso começar a chorar e, então, nós dois vamos perder um pouco de respeito por mim.

Mais tarde, quando Pez o persuade que é melhor "Deixar assim mesmo, cara, acabar logo com esse sofrimento", ele leva a travessa humilhada de ganache, bolo de marzipã para a sala e deixa todos atacarem de colher. A casa parece prestes a estourar de tão cheia, e não apenas por causa das bombinhas de Natal.

Estão lá os três pais de Alex, a mãe de Henry, June e Nora, Bea e Pez, Shaan e Zahra pelo viva-voz, às vezes Philip e Martha, meio sem jeito, pelo FaceTime, e, por não ter nenhum outro lugar para passar as festas, Angus.

(—Não gosto dele — murmurou Alex quando Henry sugeriu convidar seu duble para o jantar de Natal.

— Por que não?

— Porque ele é idêntico a você, mas não o acho *nem um pouco atraente*, e isso me deixa doido.)

El en conta para todos a história do Natal em que Alex ganhou sua primeira bicicleta de verdade e quebrou os dois dentes da frente, o que leva Catherine a recitar a carta que Henry escreveu para o Papai Noel aos oito anos. pedindo um caderno de encadernação de couro e uma viagem a East Wittering para olhar o mar. Bea empurra Henry para pano vertical, e ele aceita pedidos por uma hora.

Só termina quando Pez reeve a letra de "God Rest Ye Merry, Gentlemen" para cantar sobre sua intolerância à lactose Ninguém quer disputar com "ondas de lactase e soja".

Depois da terceira rodada de quentão, quando os pais de Alex chamaram os motoristas e a mãe de Henry se retirou para o quarto de hóspedes, June e Nora acabam embaixo da erva-de-passarinho. Todos gritam e assobiam até Nora puxar June pelo colar de luzinhas pisca-piscas e tascar um beijo nela sob uma salva de palmas June fica vermelha, mas parece mais contente do que nunca.

— Não acredito que vocês levaram tanto tempo para finalmente se beijar — Diz Alex, ao que Pez dá risada. — O que foi?

— Alex — diz ele, com carinho, antes de virar a taça e dar um beijo na testa de Alex. —

Seu idiotinha lindo,

— O que você dizer quer com isso?

Pez apenas balança a cabeça e vai para a cozinha.

— Espera — diz Alex.

Ele franze a testa, como faz quando está tentando se lembrar de algo incrivelmente minucioso e específico de seu livro de direito penal Então, de repente, uma luz se acende, e ele bate a caneca na mesa de canto e sai correndo atrás de Pez.

— Pez, o que isso quer dizer?

No fim de uma manhã de verão antes do último ano de Alex na pós de direito, Alex é a primeira palavra a sair da boca de Henry.

Verdade seja dita, é assim que ele começa a maioria das manhãs. Em uma manhã de segunda, a cinco fusos horários de distância, "Alex" dito baixo para a tela do celular. Em uma sexta quando a primeira aula de Alex é cancelada. "Alex" em fá maior, abafado pelo travesseiro enquanto seu corpo se mexe e o dia se estende diante deles. Três e meia da madrugada antes de uma prova, um "Alex" rouco, antes de "apaga essa maldita luz e vem para a cama".

Na manhã de hoje, é porque David está latindo à porta. Uma tempestade está se formando e, se Henry já não estivesse morto embaixo das cobertas por causa da mudança de fuso horário, seria por causa da escuridão cinzenta. Alex foi o primeiro a acordar, meia hora antes, e pediu, sonolento, três porções de café da manhã com panqueca de uma lanchonete 24 horas a alguns bairros de distância.

Era *ele* quem deveria se levantar e atender a porta.

— Alex — murmura Henry, virando-se.

Alex puxou tanto a cobertura que é apenas uma bagunça de cachos desgrenhados em lençóis brancos.

— Nnngh — resmunga Alex das profundezas.

— Chegou o café — diz Henry.

A campainha faz a gentileza de tocar de novo. David uiva.

O rosto de Alex surge, fazendo beicinho. Em um lado da bochecha, o travesseiro

marcou um vinco, o rabo de um cometa em uma constelação de sardas.

— Pode pegar?

Henry revira os olhos, mas sorri. É inevitável.

Ele sai da cama e veste a calça e a blusa de moletom do voo da noite anterior. É só quando sente a brisa nos calcanhares ao descer a escada que se dá conta de que a calça é de Alex, não dele.

No batente, uma entregadora de cabelo rosa está com uma cara entediada sob o capacete da bicicleta.

— Desculpa a demora — diz ele, e tira uma nota amassada do bolso de Alex. —

Pelo inconveniente.

A garota fecha a cara.

— Tem algum dinheiro de verdade? — pergunta ela, com um sotaque que lembra um pouco a mãe de Alex.

Ele encara a mão dela, que está segurando uma nota de vinte libras.

— Ah. Desculpa de novo. Er.

Ele pega a carteira na dólares para ela. vasilha em cima do aparador e dá todos os dólares para ela.

— Ela já foi, Davey — diz Henry para David, que está dando voltas assustadas pela sala. —

Você nos protegeu de mais uma temível invasão domiciliar. Muito bem.

Ele solta David no jardim dos fundos para fazer suas necessidades, depois leva a comida para o terceiro andar. Por incrível que pareça, Alex está acordado e sentado contra a cabeceira.

— Estou ficando velho demais para voos noturnos — diz Alex esfregando os olhos.

— Amor, você tem vinte e cinco anos — lembra Henry, deixando o saco de comida na mesa de cabeceira, e Alex não perde tempo para rasgar o plástico e começar a devorar o café da manhã. — E eu sou mais velho do que você.

— É. sim. Mas, tipo... entendo por que temos que ir ao batismo dos filhos de *Philip*. Mas dos *primos*? — diz, e começa a encher as panquecas de xarope.

Assim, pelo menos *meus* primos juntam os batismos. Um só e já era, baby.

Henry abre a boca, preparado para responder com uma dentre mil coisas. Que os tabloides vão adorar ainda mais se ele parar de cumprir suas funções, que sempre haverá uma cerimônia de igreja ou um censo de cisnes ou uma prova de cartola, que ele sempre será obrigado a ter um pé em Londres e que, um dia, eles vão ter que decidir onde se estabelecer. Não é nem de longe a primeira vez que têm aquela conversa.

Mas então Alex enfia uma garfada enorme de panquecas na boca e diz:

— Enfim, eu te amo. Quer chamar June e Nora aqui amanhã? Podemos jogar *Mario Party* de novo. Quero ver as duas saírem na porrada. Ah, meu pai vai estar aqui semana que vem e mandou avisar que vai trazer aquele livro que você pediu...

E é então que Henry sabe: ele não quer voltar nunca mais.

No fim da primavera de 2024, Henry não está exatamente escutando escondido.

Ele pediu licença para atender uma ligação de Shaan que não podia ser evitada.

Shaan assumiu a vida nova de dono de casa com uma desenvoltura previsível, e a maioria das ligações dele envolve Henry falar com um bebê que está claramente destinado a se tornar primeiro-ministro. Ele simplesmente não pode mandar isso para a caixa postal.

É a primeira vez que houve um espaço na agenda para sua mãe visitá-los desde que Alex aceitou o emprego no ramo jurídico, que Henry entende muito pouco, mas foi convencido de que é o passo mais estratégico para a carreira a longo prazo de Alex. Quando Henry saiu

da sala, Alex ainda estava tentando explicar o trabalho para Catherine. Parece

tudo extremamente prestigioso.

Henry está voltando para a sala de estar com um bule de chá quando escuta seu nome antes de entrar.

— ...e na manhã seguinte, Henry e Arthur desapareceram — diz sua mãe — e, quando tio Algie ligou, falei que Henry não podia ir à caça anual de faisões porque estava gravemente doente, mas na verdade Arthur o havia levado para passar duas semanas em Roma no set daquele filme ridículo de roubo de carros em que ele estava trabalhando. aquele com, ah, qual é o nome dele...

— Jason Statham — diz Alex prontamente, enquanto ri sem parar.

— Esse mesmo!

— Adorei aquele filme — diz Alex. — Não acredito que Henry viu no set.

— Foi tudo ideia de Arthur, mas ele estava certo. Tio Algie é um chato de galochas, e Henry *detesta* o filho dele. Guilford. Você chegou a Guilford no casamento?

— Henry me fez evitar.

— Sim, assim é melhor — diz Catherine com a voz refinada. — Ele virou um verdadeiro cuzão depois de adulto.

Henry queria estar na sala para ver a maneira como Alex balbucia " *Ai, meu Deus*". Alex sempre esquece que Catherine foi à universidade e se casou com um plebeu de Sheffield.

Então, Alex suspira e diz:

— Quando eu e Henry nos casarmos...

Henry consegue recuperar o bule antes que caia no chão.

Não é uma surpresa escutar Alex mencionar o casamento. Fazia anos que eles estavam tratando disso: logística política e a ansiedade de Alex como filho de pais divorciados e mil perguntas sobre um casamento real que nenhum dos dois parece querer ter. Ele até já comprou um anel de noivado e, a julgar por como

Alex fica preocupado sempre que Henry se oferece para guardar as cuecas dele, não foi o único.

Mas essa é a primeira vez que ele escuta Alex mencionar isso para sua mãe. Ele falou de modo tão casual, tão pragmático, que é como se fizesse anos que estivessem conversando sobre aquilo. Henry imagina que é possível que faça, sim. Será por isso que Alex tomou chá com ela em Londres no mês passado e falou que Henry não estava convidado? Eles estavam *conspirando*?

Eles começam a discutir listas hipotéticas de convidados, quais primos se odeiam em segredo e quem usou o chapéu mais exagerado no chá de aniversário de quem, mas Henry não está mais escutando. Ele está pensando em uma mesa de café em Roma, seu pai pedindo uma segunda rodada de gelato.

Na memória, ele tem nove anos de idade, e seu pai está dizendo: *Quem quer que seja a pessoa com quem você se case, Henry, tem que ser alguém que ache sua mãe um barato, porque ela é. Ela é mesmo.*

Ele pigarreia e finalmente entra.

— Alguém quer chá?

Em 2024, ninguém sabe que eles estão noivos. Claro, faz apenas três horas, mas Henry está curioso para ver por quanto tempo eles aguentam. É bom guardar um segredo que não *precisa* ser um segredo. É mais como se estivessem cuidando do segredo que nem um bichinho de estimação ou alguma coisa especialmente bonita do jardim que guardaram em um potinho.

Um disco está tocando na vitrola, um dos de Alex, talvez o da Joni Mitchel que ele pegou emprestado de Bea. Eles enfiaram os celulares embaixo das almofadas do sofa e pediram uma pizza do tamanho da lua e, agora, estão sentados no meio da sala, devorando-a. Eles se beijam, comem mais pizza, e se distraem se beijando de novo. Henry lambe uma mancha de gordura de pepperom no antebraço de Alex, uma fantasia que ele não sabia que tinha até vivê-la. Eles se enroscam no tapete, e Henry decide que vai levar Alex para velejar no fim de semana, ou mesmo até a margem do rio, só para vê-lo diante do horizonte.

Depois de quatro, quase cinco anos, a principal coisa que ele aprendeu é que Alex é um mundo sem fim. Tudo que Henry quer é continuar com ele para sempre. Continuar descobrindo novas partes favontas, continuar revirando tudo e

descobrir suas delicadezas e encontrar os melhores detalhes.

Então, é isso que ele vai fazer.

Está nevando no Ano-Novo de 2024. Alex olha pela janela e tira o paletó.

O Baile de Gala da Jovem América pode não existir mais, mas nada vai impedir Nora, June e Pez de dar uma festa de Ano-Novo, muito menos agora que Pez arranjou o próprio flat de temporada na cidade. Eles são as três parcas do circuito social de fim de ano de Nova York: nascimento (June, cuidando dos convites), vida (Pez, sem camisa) e morte (Nora, também sem camisa).

— E se — diz Alex, virando-se para Henry ao pé da escada — não formos à festa?

— Nora vai me matar — diz Henry. — Ela diz que não tem medo de fazer isso agora que abri mão de meu título

— Assassinato é um crime mesmo se você não for príncipe.

— É, mas ela disse, abre aspas — ele faz seu melhor sotaque americano, — "Eles não podem mais me trancar na Torre. Quem vai me prender agora? Mr. Bean?".

— Por que não mandamos Angus? Está escuro. Talvez ela não note.

— E o *seu* dublê?

— Moramos em Nova York, tenho certeza de que a gente encontra um modelo em algum lugar.

— Como sempre, fazendo soar a corda mais baixa da humildade.

— Porra, isso é Shakespeare?

— *Henrique IV.*

— Vou dar um cuecão em você, seu nerd do caralho.

No fim, não é preciso muito para convencer Henry a ficar em casa.

Nos últimos tempos, nunca é. Alex manda uma desculpa esfarrapada para June,

e eles descalçam os sapatos e tiram as camisas de botão.

Henry é obrigado a admitir que está exausto, em um grau que só é possível estar no último dia do ano, quando todos os outros dias se acumularam atrás dele. Foi um ano enorme: o trabalho de Alex, o sem-fim da imprensa sobre a decisão de Henry de abrir mão do título, o noivado, o casamento de Bea, o incidente com os tacos de croqué e o embaixador holandês no casamento de Bea. Às vezes, Alex brinca que enfiaram tudo em um ano só porque nenhuma manchete pode durar se houver outra na semana seguinte, mas só é uma piada em partes. Eles estão exaustos há meses.

— Estou surpreso por ser você quem quer ficar em casa — diz Henry. — Me lembro bem de um jovem conquistador que vivia para estragar a vida das pessoas no Ano-Novo.

— Estragar? — diz Alex. — Não é isso que lembro.

— Foi a sensação na época.

Eles vão até a cozinha, passando por todos os vestígios do ano. As flores secas, os riscos novos nas tábuas do assoalho. A caixa de manuscritos encadernados da primeira coletânea de Henry, textos que são algo entre poesia e contos e ensaios.

Os cartões de Natal de senadores, diplomatas e velhos amigos do Texas, embaixo do favorito de Alex, de Rafael Luna e seu companheiro incrivelmente gostoso com suéteres natalinos combinando. Henry imaginaria que Raf tinha sido forçado a isso se não tivesse vindo com uma caixa de cerveja e um bilhete de agradecimento por deixar que ele ficasse hospedado na casa deles na última vez em que visitara Alex e exagerara na tequila durante o bingo de drag queen.

Alex busca uma garrafa de Clicquot na geladeira e diz:

— Não estamos acabados, estamos?

— Estamos envelhecendo — aponta Henry.

— Tem razão, — diz Alex, os olhos cintilando diante da oportunidade, e Henry suspira de antemão. — Você tem quase trinta

— Quase vinte e oito *não* é quase trinta

— Praticamente. Você está velho. Você vai ter trinta um ano antes de mim. Vai estar virando o frasco de antiácidos enquanto eu vou estar na balada, virando t...

— Você não está na balada nem *agora*

— Eu poderia estar, só estou escolhendo não estar, porque não quero enfrentar a neve.

— Isso não é envelhecimento, é amadurecimento.

Ele serve uma taça de champanhe para Henry e acrescenta:

— Deve ser hora de começarmos a falar da sua lista do que fazer antes dos trinta, hein?

Henry pega a taça e decide entrar na de Alex em vez de insistir que chegar perto dos trinta não é sinônimo de chegar perto da morte.

— Já me dei muito bem nesse front até agora, na realidade — diz. — Escrevi um livro. Abri uma *ONG*. Fiquei noivo do amor da minha vida.

— Se envolveu em um escândalo sexual internacional.

— Apertei a mão de todas as cinco Spice Girls.

— Foi o mais bem-vestido no Met Gala.

— Chorei na sala de *Nenúfares* no MoMA

—Deixou o cabelo crescer e depois cortou tudo.

— Aprendi a fazer bife Wel ington.

— Esse, hm, ainda está em andamento — diz Alex com reservas.

Henry lança um olhar de afronta para ele.

— Mas, sim! — se corrige Alex. — Com certeza. E ficou bom em fazer bolinhos.

— É verdade.

— É — concorda Alex. — Então o que falta? Correr pelado em lugares públicos? Usar ácido? Transar na ilha da cozinha?

Henry hesita um momento com a última.

— Transar na ilha da cozinha?

Quando o relógio bate o novo ano, a casa está silenciosa. O timer da luz da entrada se desliga. A garrafa de champanhe está entre duas taças na beira da pia, vazia e com a borda viscosa, um único morango encharcado no fundo de cada taça. A quilômetros do apartamento, fogos de artifício disputam com a neve sobre o rio East, mas, na cozinha em Park Slope, os únicos sons são dos dois.

Henry, com quase vinte e oito anos, recosta o corpo quente no mármore frio e recebe seu beijo da meia-noite.

— Sabe que dia é hoje? — pergunta Alex em uma noite morna de setembro.

Em 2025, ele para na porta do escritório, onde Henry passou todo o fim de tarde respondendo e-mails.

— Hm? Não.

Como Alex não preenche o silêncio de imediato, Henry desvia os olhos da tela do notebook.

— Que dia?

— Cinco anos desde que a história vazou — diz Alex.

Ele leva um momento para entender a que história Alex se refere; foram tantas.

Mas, claro, ele se refere àquela gigantesca e terrível. Aquela que mudou suas vidas para sempre.

— Ah — diz Henry, e fecha o notebook, recostando-se na cadeira — Bom.

Odiei.

— É — concorda Alex. — Zero de dez. Não faria de novo.

Seu tom é leve e casual, mas, quando ele cruza os braços diante do peito, Henry vê os óculos no bolso da frente da camisa de flanela. Faz meses e meses desde a última vez em que Alex não se sentiu confiante o suficiente para usá-los.

Da sua parte, Henry consegue se lembrar de boa parte daquele dia, mas não de tudo. Ele se lembra de colocar açúcar no chá de manhã quando Shaan entrou com uma expressão que Henry nunca tinha visto antes. Ele se lembra de Pez chegando como a cavalaria de chinelos da Gucci, afastando Henry de seus agentes com o mesmo desdém gracioso que dirigia aos colegas de Eton que os encaravam demais. Ele se lembra de Bea encontrando-os na sala de música e se recusando a ouvir o pedido de desculpa de Henry, e se lembra da ligação de Alex e da chegada de Alex.

O engraçado, porém, é que ele não se lembra de nada entre Bea e Alex. Ele sabe que Philip estava envolvido, e houve reportagens em todos os canais de notícias, e ele convenou com a mãe em algum momento. Mas o espaço em sua memória dedicado a esas horas está simplesmente vazio. Seu psiquiatra diz que é transtorno de estresse pós-traumático, e Henry tende a concordar, considerando que os dois passaram o ano seguinte inteiro recalibrando os medicamentos de ansiedade e depressão de Henry por causa do ocorrido.

Aquelas horas se foram para sempre. Há coisas que ele nunca terá de volta.

Na maior parte do tempo, porém, quando se lembra daquele dia, a segunda pior coisa que já aconteceu a ele, ele pensa na mão de Alex segurando a sua embaixo de uma mesa do Palácio de Buckingham. Ele se lembra, claramente, da voz de Alex falando que eles sobreviveram aquilo juntos. Aconteceu com Alex também.

Não foi o que eles teriam escolhido, mas foi o que receberam, e eles fizeram o melhor possível com aquilo.

Ele levanta da escrivaninha, chega à porta e abraça Alex junto ao peito. Sua diferença de tamanho não é tão pronunciada assim — Henry é mais alto, mas esguio, Alex mais baixo, mas largo, — só que, em momentos como esse, ele fica grato pela maneira como a bochecha de Alex se alinha perfeitamente na curva de seu pescoço. Ele fica grato pela facilidade com que consegue dar um beijo na têmpora de Alex.

Nenhum dos dois diz mais nada. Tudo já foi dito mil vezes, em discursos e

declarações oficiais e no escuro quando são só os dois. Basta ficar aqui, no centro da casa, e deixar que o silêncio carregue o peso deles.

No fim de 2025, Henry teve um dia ruim.

Não há nada específico que o causou. Os dias simplesmente acontecem assim às vezes, mesmo com toda a terapia, os medicamentos, o apoio em suas relações e os projetos criativos gratificantes do mundo. Existem outras pessoas, ele imagina, que não passam a vida esperando pelo próximo dia ruim. Ele teve todos os luxos, menos esse.

Alex chega do trabalho e o encontra encolhido na poltrona do escritório, olhando pela janela para o céu noturno escurecido pela poluição luminosa sobre a fileira de sobradinhos do outro lado da rua.

— O que você está fazendo? — pergunta Alex.

— Procurando Orion — diz Henry, seco.

Alex se ajoelha no tapete, de calça social bem ajustada e mangas arregaçadas, e recosta a bochecha no joelho de Henry, como costuma fazer quando Henry está mal. Os dedos de Henry deslizam entre os cachos de Alex. O cabelo dele cresceu um pouco nos últimos meses. Faz algum tempo que Alex tem se parecido um pouco mais com como era quando eles se conheceram, exceto pelos óculos e pela barba rala no queixo.

— Estou cansado de trabalhar em um grande escritório de advocacia — confessa Alex; ao que parece, ele também está mal. — Sei que só faz um ano e meio, mas... eu meio que odeio.

Henry considera isso, assim como as olheiras de Alex.

— Você não precisa fazer isso, sabe — diz Henry.

Alex olha para ele como fez naquele hotel em Paris na primeira vez em que eles acordaram juntos, como se a única coisa sobre a qual ele tem certeza na vida é que o quer completamente. É intimidante, mas sempre melhorou a vida de Henry no fim.

Ele beija o dedo de Henry, logo abaixo do anel.

— Tenho algumas ideias.

Em fevereiro de 2026, uma gripe atinge Park Slope. Alex e Henry não conseguem concordar sobre quem passou para quem primeiro — Henry sabe que foi Alex, já que ele andava virando a noite e consultando com a mãe sobre um projeto de lei de direitos eleitorais no Texas, e o sistema imunológico dele sempre sofre quando fica chateado por causa do Texas — , mas, seja como for, eles passam uma semana presos no sobradinho.

Pelo menos, Alex não tem que trabalhar enquanto esta doente como costuma fazer, porque pediu demissão no mês anterior

Por volta do quinto dia, Henry se dá conta de que esse é o maior tempo que os dois passaram em casa em anos. Eles parecem estar sempre indo ou vindo saindo às pressas para aparições públicas, descendo de caravanas de segurança com ternos meio tirados, encontrando Cash no meio-fio às três da madrugada com malas nos ombros. É bom, de certo modo, se reconectar com a casa que eles construíram juntos.

Enquanto Alex cochila, Henry caminha de um lado para o outro por toda a planta.

O primeiro andar, com a sala de estar longa, as vigas originais e a lareira, que Henry havia restaurado antes de se mudar porque sempre deu valor à história das coisas. Depois a cozinha, os armários azul-escuros, e a janela larga dos fundos

acima da mesa de jantar rústica de pinheiro dada pelo pai de Alex. No segundo andar, a suíte de hóspedes com todos os hidratantes de mão favoritos de sua mãe no banheiro, e a sala de estar com os bonecos de cisne que Pez começou a colecionar anos atrás em um acesso dramático de desejo por June. Mais um lance de escada para o último andar, com seu escritório e o escritório de Alex, o corredor com a foto deles do casamento de Shaan e Zahra e, na ponta, o quarto.

O quarto é sua parte favorita da casa, e não apenas pelos motivos óbvios, por mais que Alex tente insistir no contrário com suas sobranceiras sugestivas. Ele ama o pé-direito alto e o medalhão de gesso lascado de rosas no centro do teto.

Eles escolheram a cama juntos e, toda manhã que acorda nela, ele se vira, vê as canetas soltas e os lencinhos de limpar óculos de Alex espalhados na cômoda, e sabe que essa vida, sua vida, ainda é de verdade.

Talvez ele goste mais do quarto porque parece separado de todas as outras partes da casa, erguido e protegido — a primeira vez que ele se sente seguro em uma torre.

Mais importante, de todos os três níveis de janelas salientes na fachada de tijolos vermelhos do sobradinho, a do quarto é a única com um assento. Eles a encheram de travesseiros de veludo e almofadas verde-musgo e, uma ou duas vezes ao ano, em um de seus raros dias calmos, Alex se deita lá e pega no sono.

É onde encontra Alex quando entra no quarto com uma caneca de sopa em cada mão. Ele reconhece a manta em que está enroscado: eles dormiram nela na cama de solteiro da infância de Alex na noite em que El en ganhou o segundo mandato, e então Alex a colocou na mala e a levou para Washington.

Ele desperta quando Henry coloca a caneca na cómoda.

— Obrigado — diz com a voz rouca.

Henry se ajeita ao lado dele, tirando os óculos de Alex que estão debaixo do cotovelo antes que sejam esmagados.

— Sabe — diz Henry — , escolhi esta casa pelas janelas salientes.

Alex o encara, completamente acordado.

— Sério?

— Pensei que você pudesse gostar. Você sempre falou da janela da casa onde cresceu.

Queria que elas fizessem você se sentir bem.

Alex sorri.

— Elas fazem mesmo.

Henry olha para ele debaixo da manta, com a cara amassada de sono e corada de febre e a barba por fazer, e se lembra daquela noite na casa amarela em Austin.

Antes de Alex os levar para seu antigo quarto, ele levantou a almofada do

assento da janela da sala e mostrou para Henry páginas de rabiscos da escola primária ainda escondidos ali. E contou para Henry que chegou a pensar em esconder uma foto ali, mas não teve coragem de arrancá-la da revista da irmã.

Como Henry descobriu, o amor consegue crescer para trás. Você se apaixona por uma pessoa no presente e, então, todas as pessoas que você já foi podem se apaixonar por todas as versões passadas dela. Um calouro insone de Georgetown se apaixona por um aluno do segundo ano de Oxford que está experimentando abrir o primeiro botão da camisa de vez em quando. Um adolescente de bochechas vermelhas com a cara enfiada nos livros se apaixona pelo capitão rebelde de lacrosse. Um menino volta da escola para casa com notas perfeitas e vê uma foto em uma revista, e o menino da foto sente isso na escada de um palácio.

O ponto mais crucial disso tudo é que ele ama todas as versões de Alex que já dormiram embaixo daquela manta. Todo o resto é detalhe

— Estou pensando numa coisa — diz Henry. — Parabéns — ironiza Alex automaticamente.

Então: — Me conta.

— Esta vida que temos aqui — diz Henry. — Esta casa. É boa. não é?

— É claro que é, sim.

— Mas poderíamos ter uma vida boa em algum outro lugar também.

Alex franze a testa.

— Tipo onde?

— Em algum outro lugar... longe de tudo, talvez? Algum lugar onde possamos desacelerar, e as coisas possam ser mais calmas, e você possa trabalhar com o que quer. Acho que me faria bem passar um tempo longe de tudo, para ser sincero. Talvez eu nem precise mais de um dublé.

Alex pensa a respeito por um longo momento. Os dois sabem de onde Henry está falando, mesmo que ninguém diga nada. Além de Nova York e Washington, e Londres em seus melhores dias, só haveria um lugar onde Alex consideraria

seriamente viver. Eles já tinham brincado sobre isso, mas Henry sempre achou que poderia ser bom passar alguns anos em um lugar completamente diferente de onde está acostumado. Um lugar onde ele pudesse ver as estrelas.

Por fim, Alex funga e diz:

— Você vai demitir Angus? Eu estava começando a gostar dele..

— Se você não acordar Bea, vai ter que ouvir sobre a dor nas costas dela de manhã — diz uma voz que com toda a certeza não é de Heath Ledger.

Henry acorda com um sobressalto e encontra Alex debruçado na parte de trás do sofá, cachos por toda parte. A sala está escura, e os créditos finais estão passando.

— Você só ia chegar amanhã — murmura Henry.

— Adiantei o voo — diz Alex.

Ele está tão perto da cara de Henry que chega a ficar um pouco vesgo. Ele encosta a boca na ponta do nariz de Henry.

— Estava com saudade — acrescenta.

Foram poucos dias, mas a verdade é que Henry também sentiu saudade. Ele imagina que já deveria estar acostumado com camas vazias e fusos horários diferentes, ainda mais considerando que eles começaram assim, mas desconfia que nunca vai deixar de esperar ansioso pela volta de Alex.

— Sabe qual vai ser a melhor parte de nos casarmos? — pergunta Henry.

— A quadrilha.

— O fato de que não vou mais ter que sentir saudade de você com tanta frequência.

Alex se comove, e passa por cima do braço do sofá até se jogar no colo de Henry. David sobe em cima dele e se aninha na nádega esquerda de Alex.

Deixar a casa é difícil, mas essa decisão em particular foi fácil, depois que

finalmente a expressaram em voz alta. Um afastamento gradual e cuidadoso da vida pública, ao menos por alguns anos. Eles se dedicaram tanto ao mundo e tiveram o privilégio de sentir um legado tomar forma diante deles, mas também precisam descansar.

Foi June quem os convenceu, na verdade. Ainda havia certas coisas que só June podia dizer a Alex. No começo da primavera, quando finalmente começou o processo de sair do emprego de redatora de discursos para Raf, ela ligou para Alex do Colorado e disse a ele que se mudaria para Nova York no intuito de ficar mais perto de Nora e Pez, e queria alugar o sobradinho. Quando Alex comentou que ainda estava morando lá, ela disse: "Nós dois sabemos que faz seis meses que você está procurando da casas de campo em Austin; ou caga ou sai da moita"

(Henry ama sua coleção particular de norte-americanos. Eles sempre falam o que estão pensando.)

A casa nova é linda. Henry só a viu pessoalmente uma vez, mas o antigo proprietário era um executivo de tecnologia recluso com um bom gosto espantoso, tanto que a *Architectural Digest* fez um artigo sobre ela no ano passado. Há dois meses ele tem o artigo aberto em uma aba no celular e navega por aquelas fotos perfeitamente iluminadas duas vezes ao dia, inebriando-se com as possibilidades. Manhãs preguiçosas no solário amplo, mergulhos noturnos no lago. É fácil imaginar Alex se transformando em um pai de família texano, que defuma carne de peito e enrola tamales, e igualmente fácil imaginá-los relaxando sob os

cedros até os trinta e poucos e, então, decidindo para que estão prontos mais uma rodada.

A coisa maravilhosa é que eles podem levar o tempo que quiserem, de um jeito ou de outro.

Não é uma libertação total de suas obrigações, mas é o próximo passo depois de abrir mão do título formalmente. Mais limites, mais regras escolhidas por eles sobre o que vão ou não fazer. Nada de casamento real, mas uma cerimônia particular na casa do lago e uma lua de mel desencaixotando a mudança. Um trabalho para Alex em um escritório menor onde ele possa botar as mãos na massa. Uma vida mais tranquila,

— Você tem razão — diz Alex. — Sabe o que mais vai ser incrível na vida de casados? ter encontros de verdade no mundo real. Só imagine: *refil grátis e tortilhas de milho com molho infinitas*.

— Ah, sei mais uma — diz Henry. — Você pode finalmente me ensinar a andar em um hipermercado.

— Não fale sacanagem na frente das visitas, amor.

— Por favor — diz uma voz grogue no sofa.

— Oi, Bea.

— Horas?

— Uma da manhã.

— Argh.

Resmungando e puxando a coberta, Bea acorda Pez e os dois vão para a cama.

As chances de Pez voltar para o sofá para dormir ou tomar posse da cama deles fazendo com que Alex tenha que dormir no sofa sio meio que iguais, com base em seis anos de Pez pegando no sono na casa deles. É um consolo saber que, quando eles deixarem o sobradinho e June se mudar, Pez ainda vai ficar à vontade ali.

No primeiro andar, cercado por caixas, Alex sai do colo de Henry e tira uma sacola grande de compras de trás do sofá.

— Trouxe uma coisa para você — diz ele.

Dentro da sacola está uma caixa feita do tipo de cartolina pesada que pressagia algo caro.

Henry imagina Alex enfiando a mala de couro desgastada no compartimento de cima do avião e colocando essa sacola embaixo do banco com muito cuidado para que não ficasse nem uma ruga no papel.

Ele tira a tampa da caixa e abre camadas de papel de seda para revelar um

chapéu. Um chapéu de caubói. É feito de um feltro grosso maravilhoso com a copa alta e forro de cetim.

Um quase idêntico está pendurado no escritório de Alex desde que ele se mudou, embora aquele seja preto e este seja de um tom claro e quente de areia. Enquanto a fita do chapéu de Alex tem uma fivela dourada, este tem um broche prateado no formato de uma rosa inglesa.

— É um Stetson — diz Alex, e quando Henry o olha, suas bochechas coraram um pouco. —

Sei que não é muito seu lance, mas você cavalga, e é meio que um momento importante lá de onde eu venho ganhar seu primeiro Stetson, então eu queria ser a pessoa a te dar um, já que você está prestes a se tornar um texano honorário.

Não precisa usar se não quiser...

— Eu amei-interrompe Henry.

Alex pausa, depois abre um sorriso enorme. — Jura? Estava com medo de que você achasse que era uma piada.

— É o chapéu menos ridículo que já me deram diz Henry. — Nem veio com um fraque combinando.

— Não, mas talvez possamos comprar uma calça jeans justa — propõe Alex.

— Uma calça para cavalgada de couro, talvez.

— Eu *acabei* de pedir para você não falar sacanagem.

Henry ri e dá um beijo nele, se esticando por cima da caixa aberta, pensando no próximo ano de suas vidas. Café da manhã inglês no domingo, piscina natural, um bolo de casamento que não acabe no chão. Amanhã ele precisa perguntar se Alex confirmou se estava tudo certo com a confeitaria enquanto estava em Austin, e se eles tinham mais fita adesiva, e se a filha de Amy já recebera o vestido de daminha.

Hoje, porém, Alex chegou mais cedo, e a casa está fazendo os barulhos baixos

que sempre faz à noite. Ninguém vê pelas janelas. Ninguém entra pelo portão.

—Henry — diz Alex.

— Alex — diz Henry.

— Eu e você — diz Alex.

— Eu e você — concorda Henry.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Capítulo extra vermelho branco e sang..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).